

## “Nunca serão!” *Tropa de elite* no foco da Análise do Discurso

---

ALBA VALÉRIA DA SILVA MORAES

Mestranda em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco;  
graduada em Letras pela Universidade Castelo Branco no Rio de Janeiro.  
e-mail: alba\_moraes75@hotmail.com

NÁDIA AZEVEDO

Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. Coordenadora do Mestrado de Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco.  
e-mail: nadiaazevedo@gmail.com

**Resumo:** Este artigo propõe um debate sobre os discursos existentes no filme *Tropa de Elite*. O primeiro filme *Tropa de Elite* pode ser considerado um marco do cinema nacional, sendo o mais assistido e comentado durante o ano de 2007, o que gerou uma expectativa de continuação que foi lançada em agosto de 2010. Este debate será fundamentado nos postulados da Análise do Discurso de linha Francesa sugerida por Pêcheux.

**Palavras-chave:** Discurso; *Tropa de Elite*; Análise do Discurso

**Abstract:** This article proposes a discussion of the discourses in the movie *Tropa de Elite*. The first film *Tropa de Elite* may be considered a hallmark of the Brazilian cinema, the most viewed and commented during the year 2007, which created an expectation of a continuation that was launched in August 2010. This discussion will be based on the assumptions of the French discourse analysis suggested by Pêcheux.

**Keywords:** discourse; *Tropa de Elite*; Discourse Analysis

---

### 1. Introdução

“Os corruptos cassados? Nunca serão!  
Cidadãos bem informados? Nunca serão!  
Hospitais bem equipados? Nunca serão!  
Nunca serão!! Nunca serão!!!”  
(Gabriel, O Pensador)

Para compreender o título de nosso trabalho, devemos primeiramente explicar a expressão “nunca serão”. Esta expressão foi usada por Gabriel, o Pensador como título para sua mais nova composição inspirada no filme *Tropa de Elite 1*, e em

sua sequência, *Tropa de Elite 2*. Observamos que no filme esta expressão surgiu na cena em que se dá o início do Curso de Operações Especiais e no momento em que os atores dizem “nunca serão!”, deixando claro suas intenções de não permitir que nenhum dos maus policiais inscritos no curso no curso se formem.

Um outro termo que devemos esclarecer dentro da escolha do tema é a palavra *foco*, que é conceituado numa linguagem leiga simplesmente como centralizar uma imagem para que se obtenha uma imagem sem sombras, clara. A partir dessa explicação, nosso título propõe colocar em debate os discursos existentes no filme *Tropa de Elite*, usando como subsídio os postulados da Análise do Discurso de linha francesa, doravante chamada de AD, sugerida por Pêcheux, em que a AD será nossa lente de aumento para observarmos os discursos do filme.

O presente trabalho visa exercitar conceitos da Análise do Discurso, bem como trazer ao debate os discursos presentes no filme *Tropa de Elite: Missão dada é missão cumprida*. Nosso trabalho não tem função de emitir julgamento de valor a respeito da produção cinematográfica, mas, sim, identificar no discurso das personagens conceitos-base da AD: formação discursiva, formação ideológica, formações imaginárias e memória discursiva.

A AD estende seu campo de atuação para outras áreas do conhecimento a partir do momento em que se inscreveu em um quadro em que articula o linguístico como social. Consideramos que a AD não se restringe a uma disciplina de interpretação; ela trabalha com os entremeios, a ela não interessa somente a língua ou a fala, mas o que está nessa interseção, ou seja, o discurso.

A organização do trabalho obedecerá à seguinte disposição: no primeiro momento traremos os conceitos fundamentais da AD; em seguida apresentaremos o corpus e sequências discursivas analisadas, quando estabelecemos como parâmetros o discurso não-verbal e verbal, e manteremos um paralelo entre sequências discursivas do filme *Tropa de Elite*, simbologia do Bope, e sequências discursivas do livro *Elite da Tropa*. Finalizamos o estudo com as nossas considerações finais.

## 2 . A Análise do Discurso

A AD surge no final dos anos 1960. Michel Pêcheux lança em 1969, o livro *Análise Automática do Discurso*, que pode ser considerado como a fundação da disciplina.

Pêcheux coloca em foco o discurso como objeto de análise, pois este é uma região de entremeio entre a língua e a fala. Não somente uma transmissão de informação, nem tampouco um ato do dizer.

A AD põe em prática uma análise do texto a partir de sua especificidade. Na AD, a interpretação deve considerar “o modo de funcionamento linguístico-textual dos discursos, as diferentes modalidades do exercício da língua num determinado contexto histórico-social de produção” (BRANDÃO, 1993, p. 19).

Paveau (2006, p.202) definiu a Análise do Discurso como a “disciplina que estuda as produções verbais no interior de suas condições sociais de produção”. Orlandi (2005, p. 26) afirma: “A Análise do Discurso visa à compreensão de como um objeto simbólico produz sentido, como ele está investido de significância para e por sujeitos”.

Assim sendo, não há como falar de discurso sem fazer a articulação entre enunciado e enunciação, compreendendo que o enunciado pode admitir diferentes sentidos de acordo com a formação discursiva em que é produzido ou reproduzido. Devemos atentar que Pêcheux (AAD-69) conceitua o discurso como efeito de sentido entre interlocutores.

[...] O que dissemos precedentemente nos faz preferir aqui o termo discurso, que implica que não se trata necessariamente de uma transmissão de informação entre A e B mas, de modo mais geral, de um "efeito de sentidos" entre os pontos A e B (PÊCHEUX, 1997, p. 82).

Segundo Brandão (2004) alguns conceitos de Foucault se tornaram primordiais para a pesquisa linguística sobre o discurso, pois para o autor o discurso é uma *dispersão*, cabe portanto à AD o importante papel de descrever essa dispersão. A AD investiga as condições que permitiram a manifestação do discurso, propondo um deslocamento das noções de linguagem e sujeito que se dá a partir de um trabalho com a ideologia. A língua não é trabalhada como um sistema abstrato, considera a produção de sentido como parte da vida de homens que falam, sejam como sujeitos, sejam como membros de uma determinada sociedade (ORLANDI, 2005, p. 15-16).

É importante salientar que Pêcheux construiu o conceito de discurso a partir de noções oriundas da Linguística, do Materialismo Histórico e da Psicanálise. Uma das maiores influências no trabalho de Pêcheux foi a teoria marxista de ideologia de Althusser (1998), na qual ele destaca a autonomia relativa da ideologia de uma base econômica e a sua significativa contribuição para a reprodução ou transformação das relações econômicas. Ele afirma que a ideologia ocorre em formas materiais e atua por meio da constituição das pessoas como sujeitos sociais, fixando-os em posições-sujeito e dando-lhes, ao mesmo tempo, a ilusão de serem agentes livres. Esses processos ocorrem em várias instituições como a família, a lei, a escola, que são, segundo o autor, elementos do "aparelho ideológico do Estado".

Para a AD, o discurso é uma prática social, em que o sujeito atua no mundo, sendo esta prática marcada pelo conceito de social e histórico, fundando um acontecimento discursivo. Ao proferirmos um discurso, atuamos sobre o mundo, exteriorizando a linguagem que, dependendo da circunstância, admitimos alguns sentidos e rejeitamos outros no processo de interlocução. Foucault define discurso como

(...) um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva, ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar (e explicar, se for o caso) na história; é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência. O discurso assim entendido não é uma forma ideal e intemporal que teria, além do mais, uma história; o problema não consiste em saber como e por que ele pôde emergir e tomar corpo num determinado ponto do tempo; é de parte a parte, histórico – fragmento de história, unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus próprios limites, de seus corte, de suas trans-

formações, dos modos específicos de sua temporalidade, e não de seu surgimento abrupto em meio às complicitades do tempo (FOUCAULT, 2008, p. 132).

Orlandi nos fala que “a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento” (1999, p. 15). O discurso se move de maneira a ser atravessado por outros que o antecederam e que mantêm com ele constante embate, ora o legitimando, ora o confrontando. Todo discurso é permeado por outros discursos.

Para Foucault (1996), analisar um discurso é por em funcionamento enunciados e relações que o próprio discurso põe em movimento, analisando as relações históricas, as práticas muito concretas, que estão “vivas” nos discursos.

O discurso é construído pelo próprio discurso, sendo, portanto, permeável e passível de deslocamento de sentidos. Todo discurso está filiado a uma teia criada por outros discursos que tanto podem ser semelhantes quanto divergentes. O sentido do discurso será compreendido a partir de uma relação entre história e ideologia.

O discurso pode dizer muito mais do que seu enunciador pretende. “A multiplicidade de sentido é inerente à linguagem” (ORLANDI, 1998, p. 20). Em sociedades em que existam instituições autoritárias, o discurso é um exercício do poder; para exemplificar podemos citar as formaturas em quartéis. Os discursos dos oficiais superiores têm o sentido atravessado por paráfrases, ou seja, o mesmo é dito de várias formas para garantir uma monossemia natural.

Para a AD, o sujeito é histórico e descentrado. Histórico, pois não está alienado do meio que o cerca. Descentrado, pois é afetado pela língua e pela história, não tendo controle sobre o modo como elas o afetam (ORLANDI, 2001, p.16). Ele não é o centro nem a origem do seu discurso, que passa a ser entendido como produção polifônica, cujo significado é historicamente constituído.

Na perspectiva da AD, o sujeito é sempre interpelado pela ideologia. Não sendo a fonte do sentido, portanto, será definido pelo lugar de onde fala. Em Foucault, observamos que “não importa quem fala, mas o que ele diz não é dito de qualquer lugar” (1996, p. 139).

O sujeito é constituído por vários sujeitos, é permeado por várias vozes, de maneira que, ao enunciar um discurso, o seu falar não lhe pertence. Não existe o sujeito sem o discurso, como não existe um discurso sem um sujeito para enunciá-lo. O sujeito produz o discurso, mesmo que este discurso não lhe pertença, e torna-se produto do discurso.

Pêcheux utilizou o conceito de formação discursiva (FD) de Foucault e as noções marxistas de Althusser e desenvolveu os estudos da análise do discurso. Pêcheux (1997) diz que a ideologia fornece evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem”. Estabelece que “o caráter material do sentido – mascarado por sua evidencia transparente para o sujeito – consiste na sua dependência constitutiva daquilo que chamamos “o todo complexo das formações ideológicas”.

Uma formação ideológica (FI) pode comportar diversas formações discursivas, e os indivíduos são “interpelados” pelas formações discursivas e as formações ideológicas

cas que lhes são correspondentes (PÊCHEUX, 1997, p. 161).

O movimento dos discursos não é idêntico, pressupomos então que há um movimento que aproxima ou distancia as FD entre si, pois dentro de uma mesma FD "coabitam vozes dissonantes que se cruzam, entrecruzam, dialogam, opõem-se, aproximam-se, divergem, existindo, pois, espaço para a divergência, para as diferenças, pois uma formação discursiva é constitutivamente frequentada por seu outro" (PÊCHEUX, 2010, p. 57).

É importante ressaltar que a formação discursiva e o campo de significância em que está inscrita só podem ser identificados a partir da formação ideológica representada por essa FD, para compreendermos os efeitos de sentido no discurso e sua intervenção na sociedade.

Compreendemos que as FI são um conjunto complexo de atitudes ditadas nas FD, em representação que são relacionadas a lugares a serem ocupados imaginariamente. Existe aí um ponto de conflito entre classes, pois cada FI impõe forças de confronto; retomemos então as palavras de Pêcheux (1975): "As palavras, expressões mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam"; portanto, os sentidos são determinados pelas FI nas quais estão inscritos e pelas Formações Imaginárias (FIIm) que os constituem.

Pêcheux utilizou o conceito lacaniano de imaginário para construir a tese das "formações imaginárias", que na sua concepção são a constituição dos modos discursivos.

Compreendemos que as FIIm, como mecanismos de funcionamento discursivo, não se relacionam a sujeitos físicos ou lugares empíricos, mas, sim, a imagens resultantes de suas percepções. Observemos por exemplo o sujeito militar<sup>1</sup>: ele ocupa em seu discurso uma FD com ideologia própria, uma formação imaginária de sujeito que pode dirigir o destino dos outros, servindo-se da palavra como arma para atingir seu objetivo: dominar o outro.

Sabe-se que as condições de produção do discurso estão ligadas às FI que se manifestam nos processos discursivos de cada FD, e que estas FD constituem como dispositivo de simulação de uma dependência a algo que já foi dito antes em outro lugar.

Segundo Orlandi (2006), as condições de produção compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação. Também a memória faz parte da produção do discurso. Podem-se considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação. E se as consideramos em sentido amplo, as condições de produção incluem em sentido amplo o sócio-histórico-ideológico, que na produção do discurso se torna decisivo para a compreensão de qualquer discurso.

É por meio da identificação dos discursos que se articulam dentro de uma FD que iremos compreender os efeitos de sentido, e naturalmente o processo de interpelação do sujeito pela ideologia que se torna presente por tal formação discursiva.

O interdiscurso é já existente, o dizível, que está exterior ao sujeito do discurso (memória histórica), sendo apresentado por formulações resultantes de múltiplas enunciações, que formam o domínio da memória. A memória faz parte das condições

---

<sup>1</sup> Quando falamos de sujeito militar, estamos nos referindo ao sujeito que está inserido na ideologia militar.

de produção do discurso. Compreendemos que a memória é um conjunto complexo exterior ao organismo constituindo um “corpus sócio-histórico de traços”.

A memória discursiva pode ser compreendida como possibilidades de dizeres que atualizam no momento da enunciação, como efeito de esquecimento correspondente a um processo de deslocamento da memória como virtualidade de significações.

A memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 1999, p. 52).

Para Orlandi (2001) a memória discursiva é constitutiva de todo discurso, pois para que se produza sentido é preciso que já haja o sentido, ou seja, algo já posto, sustentando um já-lá. Na AD a memória sofre alterações por meio do e pelo esquecimento, o que abrange saberes já existentes, oriundos de lugares diferentes, ou seja, de ideologias diferentes.

A memória discursiva abriga o interdiscurso, é um saber que torna possível a compreensão do sentido de nossas palavras. Correspondendo ao já dito anteriormente, e que liga nossos discursos como numa teia complexa em que ocorrem estabilizações, deslocamentos e (res)significações.

### 3. *Corpus de análise*

O corpus de análise será composto por imagens, sequências discursivas de diálogos, recortes discursivos de canções relacionadas ao filme *Tropa de Elite*, para que possamos observar as formações imaginárias, a memória discursiva e as formações ideológicas.

O título do filme é um termo utilizado para designar unidades militares com treinamento excelente e superior, destinadas a agir de forma decisiva em ações militares. *Tropa de Elite* (2007) foi baseado no livro *Elite da Tropa* (2006), dos escritores André Batista e Rodrigo Pimentel, ambos ex-policiais do Bope, em parceria com o antropólogo Luiz Eduardo Soares.

Mesmo que o espectador enxergue apenas mocinhos e bandidos, o filme vai muito além. Observamos que o filme retrata a realidade social de uma forma clara, mexendo na ferida que existe na corporação da Polícia Militar do Rio de Janeiro, a corrupção. Todo enredo do filme é baseado em mostrar que a polícia militar convencional está corrompida e que o crime tem de ser combatido. O filme traz o relato diário do personagem Capitão Nascimento, que pode ser considerado um herói e, ao mesmo tempo, um anti-herói, mostrando seus hábitos, medo e desafios. Interessante notar que no filme existe uma presença dessa personagem de maneira onisciente, ou seja, é uma personagem que é narrador de sua própria história.

Com direção de José Padilha, *Tropa de Elite* (2007) tornou-se um marco do cine-

ma nacional, tanto pela polêmica de cópias da versão não editada (segundo estimativa do Ibope, 11 milhões de brasileiros teriam assistido), quanto pela audiência que foi de 2.421.295 espectadores. O espaço temporal do filme se passa no ano de 1997, quando da visita do Papa João Paulo II ao Rio de Janeiro, e o Batalhão de Operações Especiais foi convocado para protegê-lo.

Buscamos enunciados que mostrem os discursos presentes no filme; isso sendo realizado, a partir da leitura do verbal e do não-verbal, por meio da observação e transcrição de recortes discursivos de alguns personagens, recortes discursivos de canções com a temática do filme, imagens relacionadas ao filme e recortes do livro *Elite da Tropa*.

### 3.1. *Análise do corpus: as condições de produção*

A condição de produção do filme surgiu do interesse do diretor José Padilha em realizar um documentário baseado no livro *Elite da Tropa* (2006)<sup>2</sup>; porém o diretor concluiu que não seria possível tal intenção, pois haveria dificuldades em achar policiais do Bope dispostos a dar seus depoimentos. Com isso, *Tropa de Elite* tornou-se um produto da ficção cinematográfica, sendo uma releitura do livro, já que este tem várias histórias paralelas, o que faz com que o filme não seja fiel à obra escrita.

#### 4.1.1. *O não-verbal*

O símbolo do Bope é uma caveira (crânio) transpassada por um sabre sobre duas pistolas cruzadas (símbolo da Polícia Militar) dentro de um círculo vermelho.



Figura 1: Parede interna da quadra de treinamento do Quartel do Bope

---

<sup>2</sup> Autores: Rodrigo Pimentel, André Batista e Luiz Eduardo Soares.

Mas qual o sentido que uma caveira e um sabre podem ter?

Para os integrantes do Bope, faca na caveira é o símbolo da superação humana, pois se trata da vitória rápida (da faca) sobre a morte (a caveira); observamos que o lema da unidade é *Vitoria sobre a morte*. O símbolo do Bope apresenta dois discursos bem distintos, o primeiro na imagem da caveira, que significa morte, o segundo no sabre, representando a “vitória sobre a morte”. Ao observarmos a imagem inscrita na capa do DVD do filme *Tropa de Elite* encontramos a imagem de uma caveira diferente da caveira do Bope.



Figura 2: Encarte do DVD

Na caveira do Bope, o sabre está numa posição de penetração de cima para baixo, enquanto a caveira no encarte do *Tropa de Elite 1* tem uma faca transpassada de baixo para cima. Como analistas do discurso, podemos apresentar uma hipótese, em que a caveira do encarte do filme seja diferente da caveira do Bope, por ser uma obra de ficção em que qualquer semelhança com a realidade deva ser entendida como mera coincidência. Entendemos essa caveira como uma descaracterização da caveira institucionalizada, observando essa descaracterização em vários momentos do filme: na camisa do Capitão Nascimento, no broche da boina das personagens etc...

O subtítulo “Missão dada é missão cumprida” nos remete aos preceitos da ideologia militar, em que a ordem de um superior deve ser sempre obedecida, e nunca questionada.





Figura 3: Brasão do Bope

Desde a tragédia do 174<sup>3</sup>, o significado do símbolo do Bope, “vitória sobre a morte”, toma uma outra conotação. Para qualquer morador do Rio de Janeiro, e aqui incluímos nossas próprias interpretações, o Bope é o mensageiro da morte, ou seja, quando o Bope entra na favela é para matar, não há negociação com os bandidos, isso sendo deixado claro na visão cinematográfica do diretor Padilha durante todo o desenrolar do filme.

No mês de novembro de 2010, o Bope, tornou-se assunto recorrente na mídia, por causa da retomada pelo poder público das favelas do Complexo do Alemão. Tal acontecimento acarretou em uma imagem em que a polícia torna-se a salvadora, e o significado da caveira deixa de ser a morte para torna-se liberdade. Ou seja, a caveira não é mais o símbolo dos homens que sobem o morro para matar, mas, sim, o símbolo dos libertadores. E nesse sentido podemos analisar a capa da revista *Isto é*:

---

<sup>3</sup> Sequestro do ônibus da linha 174 (Gávea-Central), em que um soldado do Bope, ao tentar acertar um tiro no sequestrador, atingiu de raspão a professora Geisa Gonçalves. O bandido disparou e acabou matando Geisa.



Figura 4 (revista Istoé, edição 2142, 01/12/2010)

O símbolo do Rio de Janeiro, o Cristo Redentor, está usando um colete do Bope. O discurso inscrito é do Bope como redentor, comparado a Jesus e, portanto, é o salvador das comunidades carentes.

#### 4.2. O verbal

A voz onisciente da personagem Capitão Nascimento, durante o decorrer do filme, apresenta discursos dicotômicos, pois na concepção do personagem, “policial do Bope não entra em favela atirando. Entra com estratégia”. Porém, este mesmo discurso é negado quando o personagem diz “homem com farda preta entra na favela para matar, nunca pra morrer”.

Analisando este discurso, achamos interessante observar um trecho do canto de guerra que é entoado pelos que pertencem ao Bope:

Homem de preto, qual é sua missão? É invadir favela e deixar corpo no chão.  
Você sabe quem eu sou? Sou o maldito cão de guerra.  
Sou treinado para matar.  
Mesmo que custe minha vida, a missão será cumprida, seja ela onde for - espalhando a violência, a morte e o terror (PIMENTEL, cf. p. 4).

Na sequência discursiva observamos as marcas de um sujeito inserido em uma ideologia “violenta”. O sujeito é questionado sobre sua missão, e admite que seus objetivos são invadir e matar, e que seu intento será cumprido, não importando o preço. Compreendemos que todo sujeito é perpassado por uma ideologia e história que estão configuradas dentro de uma divisão de sociedade. E todo discurso produzido pelo sujeito terá a influência dos discursos pertencentes à sua comunidade. No caso dos

militares, eles pertencem a um Aparelho Ideológico do Estado, que orienta e controla a sociedade civil. No filme, há uma frase do Coronel do Bope, no momento do treinamento, que diz:

Preparem as suas almas, porque os seus corpos já nos pertencem, eu declaro aberto o nono curso de formação do Batalhão de Operações Especiais. Caveiras! Avançar! Nunca serão!

No filme podemos observar momentos interessantes para o debate da formação ideológica, quando são apontadas as qualidades da personagem Matias: ele é negro, estudante de direito de uma conceituada universidade e de origem pobre, sendo um indivíduo dividido entre a polícia (o combate ao crime a qualquer preço) e a advocacia (a defesa do direito a qualquer preço). Seus colegas da faculdade, do grupo de Sociologia, são ligados a uma ONG e são usuários de drogas ilícitas. Do ponto de vista do Capitão Nascimento:

Se o cara não tomar cuidado ele acaba seduzido pelos colegas. Policial tem que cumprir a lei. Matias mal entrou na faculdade e já estava aliviando.

O discurso que encontramos é de que Matias deveria agir como policial e prender seus parceiros de estudo. Mas ele não age assim, o que faz com ele fuja da ideologia pregada pela instituição a qual faz parte. Porém num momento em que podemos considerar crítico para o personagem, temos essa ideologia tomando conta do sujeito: "Qualé, mermão, perdeu a noção do perigo? Não me misturo com viciado nem com vagabundo".

Durante todo o filme, há o discurso maniqueísta, a questão do bem contra o mal, o que é certo e o que é errado: de um lado, discurso de policiais honestos e, do outro, o discurso de policiais corruptos que estão dentro do sistema. Neste sentido, usamos como exemplo a cena do personagem Paulo, soldado que, ao requisitar seu direito de férias, leva o sargento Rocha a usar de um discurso metafórico e ao mesmo tempo irônico: "Eu posso até te ajudar, aliás, eu vou te ajudar! Eu quero te ajudar! Mas agora você tem que me ajudar a te ajudar. Soldado, se você quer rir, tem que fazer rir".

O próprio Capitão Nascimento é dicotômico no seu discurso, ao mesmo tempo em que pode ser considerado o herói do filme:

A mãe do fogueteiro me fez sentir remorso e para um policial do Bope é um sentimento perigoso.

Na segunda fase do curso, a gente ensina a matar com dignidade.

No Rio de Janeiro, quem quer ser policial tem que escolher. Ou se corrompe ou se omite ou vai pra guerra.

Observamos um anti-herói que acaba por se utilizar da tortura para conseguir a verdade:

- Vou falar uma coisa, filho. Eu não quero machucar você. Não quero que saia daqui machucado, você entendeu? Cadê o Baiano?
- Não sei não, meu senhor.
- Não sabe porra nenhuma? Vou te mostrar o saco, hein!
- Ajoelha ele aqui. Ajoelhe. Cadê o Baiano?
- Não sei dele.
- Cadê a porra do baiano, filho da puta?
- Tá foda, capitão.
- Tira a calça dele, aí.
- O que é isso? Tenha dó.
- Você vai falar!
- O que é isso?
- Tira a cueca dele.
- Vai falar?
- Eu falo.

A personagem Capitão Nascimento não possui só um discurso dicotômico, ele é um sujeito constituído pela ideologia. Como militar, está assujeitado à ideologia da polícia, fazendo parte de um Aparelho Ideológico do Estado, e como pessoa comum, anseia por paz e deseja cuidar de sua família com tranquilidade.

## 5. Considerações finais

De acordo com os conceitos da Análise do Discurso, e a partir dos discursos presentes no filme *Tropa de Elite* (2007), concluímos que as imagens e os diálogos apresentados ajudam a resgatar imagens já constituídas na memória discursiva dos que convivem com a violência das grandes cidades.

A personagem Capitão Nascimento exerceu o papel de locutor, fazendo com que a cada narrativa no filme possamos observar discursos pertencentes a diversas camadas da sociedade: a do policial, do estudante viciado, dos participantes da ONG e do poder constituído da PM.

Observamos que o filme *Tropa de Elite* e o livro *Elite da Tropa* trazem para a sociedade um debate sobre a atuação da polícia e do Estado como um todo no combate ao crime organizado no Rio de Janeiro.

*Tropa de Elite* rendeu muitos comentários da crítica antes mesmo de ser exibido nos cinemas, já que cópias piratas foram vendidas por todo país. Muitos comentários sobre o filme podem ter sido negativos, mas para a analista do discurso o interesse é pela compreensão do discurso presente no filme, um produto de ficção, mas que estampa uma realidade que é veiculada nos meios de comunicação de massa. Algo que nos faz lembrar que existe um sentimento de justiça na sociedade civil, e que o filme tenha agradado a alguns segmentos da sociedade, talvez pelo cansaço que a população tenha da impunidade.

O filme *Tropa de Elite 1* tornou público o interdito: o curso de formação dos caveiras, os símbolos, sua ideologia e linguagem. Acreditamos ser a AD um campo de

pesquisa muito rico, que avança sobre as interpretações de texto conteudistas, propondo uma reflexão sobre o sentido do dizer.

### **Referências**

BRANDÃO, Helena. *Introdução à análise do discurso*. 2 ed. rev. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 3 ed. São Paulo: Editora Loyola. 1996.

\_\_\_\_\_. *Arqueologia do saber*. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2008.

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso*. Campinas: Editora Pontes, 1999 (Coleção Princípios e Procedimentos).

\_\_\_\_\_. *Discurso e Leitura*. 6 ed. Campinas: Cortez, 2001.

PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

\_\_\_\_\_. *Papel da Memória*. Campinas: Pontes, 1999.

\_\_\_\_\_. *Análise Automática do Discurso (AAD-69)*, in: GADET, F. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. de Eni P. Orlandi. 3 ed. Campinas: Unicamp, 1997, pp. 61-151.

*TROPA de elite*. Produção de José Padilha. Rio de Janeiro: Zanzen Produções, 2007. DVD (113 minutos): DVD, NTSC, son., col., com narrativas. Port.

### **Outras fontes**

Dicionário de AD: <http://www.discurso.ufrgs.br/glossario.html> (acesso 15/11/2010, 09:48 hs).

[http://www.unimontes.br/unimontescientifica/revistas/Anexos/artigos/revista\\_v6\\_n1/15\\_artigos\\_linguagem.htm](http://www.unimontes.br/unimontescientifica/revistas/Anexos/artigos/revista_v6_n1/15_artigos_linguagem.htm) (acesso 09/09/2011, 17:45 hs).

<http://catatau.blogspot.com/2007/09/24/tropa-de-elite-osso-duro-de-roer/>  
Acesso 15/11/2010, 10:20 hs)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u67237.shtml> (acesso 07/09/2011, 10:40 hs)

<http://www.tropasdeelite.xpg.com.br/Brasil-BOPE-PMERJ.html> (acesso 19/06/2012, 17:01 horas).